

Os estudantes da Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis e a religião: ensaio de contextualização social e histórica¹

Charles SOULIÉ²

Resumo

Este artigo se interessa pelas crenças religiosas dos estudantes da Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, mostrando que elas variam fortemente em função das nacionalidades, origens, disciplinas cursadas. A fim de levar em conta efeitos de campo tão poderosos no nível do ensino superior parisiense, fizemos em seguida um retorno ao ensino secundário, depois às grandes escolas parisienses que exercem um papel central na produção das elites intelectuais e políticas à moda francesa: no caso a Escola Normal Superior da rua d'Ulm e Ciências Políticas Paris. Essa volta nos permitiu contextualizar os resultados obtidos na Paris 8, assim como começar a tomar consciência do peso da herança tanto histórica quanto religiosa na constituição do campo acadêmico parisiense.

Palavras-chaves: Campo. História. Religiões. Sistema Educativo.

¹ Tradução para o português realizada por Ione Ribeiro Valle. Título original: "Les étudiants de l'Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis et la religion: essai de contextualisation sociale et historique". Uma versão anterior foi publicada pela *Regards Sociologiques*, n° 56, 2020, p. 103-126, com o título: "Les étudiants de Paris-8 Vincennes et la religion: essai de contextualisation sociale et historique". Disponível em: <https://www.regards-sociologiques.fr/n56-2021-06>. Esta versão, traduzida para o português por Ione Ribeiro Valle, foi adaptada e contém algumas inserções e supressões.

² Doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1994). Mestre de Conferências junto ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Université de Paris VIII - Vincennes-Saint-Denis. Membro do Centre Européen de Sociologie et de Science Politique. <https://orcid.org/0000-0001-7120-6709>.

The students of the University Paris 8 Vincennes-Saint Denis and religion: an attempt at social and historical contextualization

Charles SOULIÉ

Abstract

This article looks at the religious beliefs of students of the University Paris 8 Vincennes-Sciences and illustrates from the outset how these beliefs vary according to nationality, origin and academic disciplines. In order to take into account the field effects which are so powerful at the level of Parisian higher education institutions, the article then makes a detour first to secondary education and then to two Parisian elite institutions that play a central role in producing intellectual and political elites in the typical French manner: the *Ecole normale supérieure* and *Sciences Po Paris*. This detour allows the author to contextualise the results obtained in Paris 8, as well as to develop increasing awareness of the weight of tradition, both historical and religious, in the formation of the field of academic institutions in Paris.

Keywords: Field. Education System. History. Religions.

Les étudiants de l'Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis et la religion : essai de contextualisation sociale et historique

Charles SOULIÉ

Résumé

Cet article s'intéresse aux croyances religieuses des étudiants de l'université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis en montrant déjà que celles-ci varient fortement en fonction des nationalités, origines, disciplines étudiées. Afin de tenir compte des effets de champ si puissants au niveau de l'enseignement supérieur parisien, nous avons ensuite fait un détour par l'enseignement secondaire puis par deux grandes écoles parisiennes jouant un rôle central dans la production des élites intellectuelles et politiques à la française : en l'occurrence l'École normale supérieure de la rue d'Ulm et Sciences Po Paris. Et ce détour nous a permis de contextualiser les résultats obtenus à Paris 8, comme de commencer à prendre conscience du poids de l'héritage tant historique que religieux dans la constitution du champ académique parisien.

Mots clefs: Champ. Histoire. Religions. Système Éducatif.

Los alumnos de la Universidad París 8 Vincennes-Saint-Denis y la religión: ensayo de contextualización social e histórica

Charles SOULIÉ

Resumen

Este artículo se interesa por las creencias religiosas de los estudiantes de la Universidad París 8 Vincennes-Saint-Denis, mostrando que varían mucho según las nacionalidades, los orígenes y las disciplinas cursadas. Para tener en cuenta estos potentes efectos de campo a nivel de la enseñanza superior parisina, volvemos a la enseñanza secundaria, y luego a las grandes escuelas parisinas que desempeñan un papel central en la producción de élites intelectuales y políticas a la francesa: en este caso, la Escuela Normal Superior de la rue d'Ulm y Sciences Politiques Paris. Este regreso nos permitió contextualizar los resultados obtenidos en París 8, así como empezar a ser conscientes del peso de la herencia histórica y religiosa en la constitución del campo académico parisino.

Palabras clave: Campo. La historia. Religiones. Sistema educativo.

Introdução

“(...) a crítica da religião é a condição de toda crítica.”

Karl Marx³

O retorno à questão religiosa na França, com a visibilidade crescente do Islã e em menor medida do cristianismo evangélico nos bairros populares, assim como nas zonas mais dominadas do espaço escolar e universitário, interpela muitos professores e também intelectuais, com frequência fortemente desprovidos para enfrentá-la. Retomando as palavras de Danièle Hervieu-Léger, poder-se-ia falar de uma forma “de embaraço laico” face ao objeto religião, frequentemente percebido como particularmente “duvidoso” e ordinariamente remetido à esfera do privado, ainda que se trate de um fato eminentemente social e coletivo. (HERVIEU-LÉGER, 1993)⁴ Um dos objetivos deste artigo, fundado numa enquete por questionário e em entrevistas nutridas pela nossa experiência cotidiana de professor pesquisador em sociologia, é fornecer elementos de objetivação sobre esse sujeito, assim como esboçar algumas pistas de reflexão concernentes à dinâmica das religiões no meio estudantil.

Não sendo sociólogo das religiões mas da educação, o que explica a originalidade da minha abordagem, é por razões pedagógicas que me interessei pela religião. Na verdade, ministrando há mais de vinte anos cursos de introdução à sociologia para aprendizes de sociólogos, dos quais a maioria é de origem popular e/ou de imigrantes, observei o interesse crescente que a religião suscitava, objetivando-se por exemplo na qualidade de silêncio que se instala no curso quando começo a falar. Mas também quando abordo as questões da sexualidade, da escolha do companheiro: tantos domínios em que as religiões emitem prescrições muito fortes que pesam particularmente sobre as mulheres (virgindade, endogamia religiosa, etc.). E foi a sensibilidade muito viva do meu público (majoritariamente feminino) a essas questões que, apesar do seu caráter mais ou menos tabu no contexto universitário francês laico, me levou a iniciar com ele uma série de enquetes⁵.

³ MARX, Karl, 1971, p. 50.

⁴ Ver sobretudo o capítulo introdutório, intitulado “*La sociologie contre la religion? Considérations préalables*”.

⁵ O interesse dos estudantes pelas questões de escolha do companheiro e a frase frequentemente ouvida no meio muçulmano segundo a qual “*o casamento é a metade da religião*” nos levaram também, após alguns anos, a fazê-los

Este trabalho apresenta portanto uma perspectiva pedagógica, científica, mas também cívica. Mobilizando os métodos comuns da sociologia tratava-se, apesar e talvez também por causa da pressão de uma atualidade dramática ligada à multiplicação de atentados terroristas cometidos por muçulmanos fanáticos no território francês, de oferecer aos estudantes que o desejassem a possibilidade de operar uma forma de distanciamento, um desvio tanto metodológico quanto epistemológico, permitindo-lhes começar a refletir sobre sua relação com a religião, por meio da produção de conhecimentos empiricamente fundados a respeito desse sujeito.

A enquete inicial é uma enquete por questionários lançados no primeiro semestre do ano 2004/2005 com 1.280 estudantes do primeiro e segundo ano de graduação da Universidade Paris 8, cursando e provenientes de uma amostra racional de nove disciplinas. Segundo um protocolo já testado por uma enquete referente às expectativas dos estudantes, cada disciplina é coberta por um binômio de entrevistadores que, após obter o acordo dos professores, divulga um questionário de uma página *recto verso* no início dos cursos, aproveitando assim do dispositivo pedagógico que permite obter excelentes taxas de resposta. Esse questionário está centrado principalmente nas opiniões/práticas em matéria de religião, de costumes, assim como de política dos estudantes. Ele nos forneceu a armadura estatística deste trabalho.

No segundo semestre, prolongamos a enquete por meio de uma onda de entrevistas semi-diretivas (n=42), realizadas junto a respondentes, o objetivo sendo o de melhor compreender os resultados obtidos por meio de uma abordagem de inspiração weberiana. Esta foi a maneira de estudarmos as duas faces, necessariamente complementares, desse fato social por excelência que é a religião. Esta, de um lado, como diria Durkheim, pode ser concebida como um conjunto “de modos de agir, de pensar e de sentir”, impondo-se do exterior ao indivíduo em função do seu grupo de pertencimento e, do outro, como um espaço potencial, e mais ou menos “pessoal”, “privado” de expressão, de reapropriação, racionalização, estilização de sua vida em função de modelos religiosos estereotipados.

trabalhar sobre esse sujeito, por meio sobretudo da construção da árvore genealógica de sua família, a fim de estudar metodicamente as questões da homogamia, endogamia em seu meio. (PEROSA; SOULIÉ, 2020)

Depois, em 2015, e com a preocupação de comparar, contextualizar, à qual tentamos dar uma certa profundidade histórica, interessamo-nos pelas transformações da relação dos alunos do ensino secundário com a religião, assim como com o lugar do catolicismo em duas grandes escolas (Escola Normal Superior (ENS) da Rua d’Ulm e Ciências Políticas⁶ Paris). E, graças à descentralização que foi possível operar, esse desvio nos ajudou a melhor compreender o que havíamos observado na Paris 8.

Poderá surpreender sem dúvida a publicação tardia desses resultados. E de fato, alguns dentre eles relativos notadamente às opiniões dos estudantes em matéria de costumes, nos fizeram durante muito tempo hesitar a publicá-los, desejando não acrescentar à estigmatização de agentes de origem popular e/ou racializados. Mas, finalmente, foi a nossa enquete de 2015 que nos incitou a publicar esse trabalho.

“Aquele que acreditava no céu e aquele que não acreditava”⁷

A universidade tendo servido de quadro à nossa enquete – neste caso a Paris 8 Vincennes-Saint-Denis – é um dos frutos dos eventos de maio de 68. Ela é a herdeira do antigo Centro Universitário Experimental de Vincennes, outrora sediado no coração do Bois de Vincennes, tendo aberto suas portas em dezembro de 1968. Esse Centro reunia uma boa parte da vanguarda acadêmica e intelectual da época, assim como um importante contingente de estudantes, de professores, além de membros do pessoal administrativo e técnico, todos muito politizados e dos quais muitos se diziam marxistas. O que lhes permitiu, muito cedo, formar uma “base vermelha” e assegurar uma vida política movimentada⁸.

Religião não é questão no microcosmo de Vincennes, marcado na sequência pela propulsão do esquerdismo contra cultural, do feminismo, do movimento homossexual, assim como pelo desenvolvimento das “filosofias do desejo”, iniciadas localmente por Gilles Deleuze, etc. E essa distância das religiões, geralmente considerada como ultrapassada, frágil intelectualmente, etc., e recusada em benefício de um “Tudo é político” onipresente a época, aparece também entre os

⁶ Geralmente mencionada como Ciências Po Paris. [N.T.]

⁷ Extraído de um poema de Louis Aragon, intitulado: “*La rose et le réséda*” (1943) [A rosa e o resedá].

⁸ Sobre a história da Universidade Paris 8, ver Soulié (2014).

estudantes estrangeiros que, desde 1970, são particularmente numerosos nesta universidade, ao ponto de torná-la a universidade mais estrangeira da França⁹. Por exemplo, os originários dos países do Magreb e da África subsaariana são os vetores das ideologias laicas e progressistas acompanhando o processo de descolonização, assim como a construção de estados nacionais, que oferecem muitas alternativas aos diplomados de curso superior no Ocidente. E, frequentemente com seus professores que transitaram no estrangeiro, esses estudantes contribuem para fazer de Vincennes um dos lares do terceiro-mundismo na França.

Mas em 1980, após o refluxo da grande onda esquerdista dos anos 60/70, Paris 8 sai do Bois Vincennes para ser autoritariamente transferida para Seine-Saint-Denis. Ou seja, para uma periferia particularmente popular que conta com uma importante proporção de estrangeiros, assim como de trabalhadores imigrantes. A favor da sua setorização e da segunda massificação estudantil do final dos anos 80, seu público se transforma profundamente passando a contar com uma proporção crescente de filhos de imigrantes, egressos diretamente do bacharelado¹⁰ e que, pouco a pouco, substituem a antiga população de estudantes assalariados, não bacharéis, ou haviam retornado aos estudos, o que constituía uma das suas principais particularidades.

No entanto, atualmente Paris 8 continua contando com a mais elevada taxa de estudantes estrangeiros da França. Onde vem sua designação “Universidade mundo”, que a transforma num observatório privilegiado da mundialização: mais um observatório enviesado¹¹. Em razão de sua herança histórica, assim como dos mecanismos de seleção e segregação dos estudantes estrangeiros no campo do ensino superior parisiense, esse “mundo” centra-se principalmente nos países do sul, Paris 8 se distinguindo por uma proporção mais elevada de estudantes originários das ex-colônias francesas e portanto por uma forma de internacionalização “por baixo”. Enquanto isso os

⁹ Em 1976, os estudantes estrangeiros formavam 46% do público desta universidade. (SOULIÉ, *ibid*, p. 23.).

¹⁰ Do original “*baccalauréat*”, designa a conclusão do ensino médio francês que dando acesso ao ensino superior. Os diplomados recebem o título de bacharéis (“*bacheliers*”). [N.T.]

¹¹ Em 2003/2004 os estrangeiros formavam, reunindo todos os ciclos, 34,7% dos inscritos de Paris 8, contra 13,6% para o conjunto das universidades francesas. (FRANCE. Université de Paris 8, 2004, p. 1; FRANCE. Ministère de l’Éducation Nationale. 2004, p. 177).

estabelecimentos mais prestigiosos de Paris centro, cujo recrutamento social e escolar também é mais elevado, acolhem mais europeus, americanos, assim como asiáticos; ou seja, uma população claramente menos racializada e mais afortunada. A mundialização universitária não apresenta portanto a mesma aparência segundo os estabelecimentos, mas também faculdades, disciplinas no interior de cada um deles, refletindo muito fielmente as relações de dominação científica, econômica, linguística, cultural e *in fine* política entre continentes, países.

Esquemáticamente, pode-se distinguir três populações na Paris 8: a dos herdeiros (de outrora) da tradição política intelectual crítica de Vincennes, a qual também reivindicam muitos dos professores mais à esquerda desse estabelecimento, a dos filhos de imigrantes e, enfim, a dos estrangeiros. Esses três grupos não mantêm a mesma relação com a religião.

Em 2004/2005, 49,9% dos estudantes de graduação 1 e 2 da Paris 8 se dizem sem religião, ateus, ou não precisaram sua crença¹², enquanto em 2007, a taxa de não crentes chegava a 32,8% no conjunto da população francesa. (DARGENT, 2010/2, p. 227) A proporção de não crentes é portanto particularmente elevada na Paris 8. Ela pode ser explicada pela história desta universidade e pela juventude de seu público, as gerações mais jovens sendo geralmente menos crentes que as demais¹³.

¹² A fim de conhecer a religião dos estudantes, colocamos duas questões sucessivas: “Você é crente: Sim/Não”, “Se sim, de qual religião ou em que?” As cifras apresentadas aqui se baseiam unicamente nas respostas dadas à segunda questão, pois alguns estudantes responderam afirmativamente à primeira sem responder a segunda.

¹³ Por exemplo, em 1991, a proporção de sem religião chegava a 18% no conjunto da população francesa, contra 34% para os de 18-24 anos. (LAMBERT, 1992, p. 39)

Os estudantes da Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis e a religião: ensaio de contextualização social e histórica

Tabela 1 - Filiação religiosa dos estudantes de graduação 1 e 2 de Paris 8 em 2004/2005, segundo sua nacionalidade.

	França	Europa	Magreb	África subsaariana	Ásia	América e outros	Conjunto	Totais
Sem, não resposta	55,7%	50%	8,2%	3,6%	43,2%	51,9%	49,9%	639
Muçulmano	14,6%	1,4%	87,7%	57,1%	24,3%	0%	19,8%	254
Católico	11,2%	20,8%	0%	16,1%	5,4%	22,2%	11,4%	146
Cristão	5,7%	5,6%	0%	7,1%	5,4%	3,7%	5,4%	69
Protestante	2,7%	2,8%	0%	10,7%	5,4%	7,4%	3%	39
Budista	0,9%	1,4%	0%	0%	16,2%	3,7%	1,3%	17
Ortodoxo	0,4%	12,5%	0%	0%	0%	0%	1%	13
Judeu	1%	0%	1,4%	0%	0%	0%	0,9%	11
Outras religiões, crenças	7,9%	5,6%	2,7%	5,4%	0%	11,1%	7,2%	92
Conjunto	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	1.280
Totais	1.015	72	73	56	37	27	1.280	

Fonte: Questionários aplicados pelo autor.

Mas a percentagem de não crentes é duas vezes mais elevada entre os franceses (55,7%) do que entre os estrangeiros (27,9%). A descrença (declarada) é rara, até mesmo excepcional, entre os estudantes do Magreb (8,2%) e mais ainda entre os da África subsaariana (3,6%), enquanto ela se aproxima da média entre os outros estrangeiros. No que concerne ao Magreb e à África subsaariana, parece que nesses países atualmente a crença religiosa tenha, como fora outrora na França do Antigo regime ou no mundo rural, um caráter obrigatório. A descrença aparecendo como impensável. A religião se impõe portanto a todos como uma evidência tanto familiar quanto social, parecendo difícil escapá-la. Donde o caráter frequentemente incontornável de uma prática coletiva como a do ramadã ou a da presença dominical na missa.

Esse retorno do religioso, ligado notadamente às desilusões políticas pós-coloniais, tem por exemplo levado a Argélia – país que fornece à Paris 8 o mais importante contingente de estudantes estrangeiros – a fazer do Islã a religião de Estado, e o Marrocos a se definir na sua constituição como

“terra do islamismo”. Com base numa enquete por questionário, realizada em 2006, sociólogos da Universidade de Casablanca também falam de um “reganho de religiosidade nas sociedades muçulmanas notadamente no Marrocos onde a religiosidade é atualmente muito marcada sendo a prática mais observada.” Eles observam que a juventude marroquina atual é “mais praticante que a juventude marroquina de ontem”. (EL AYADI; RACHIK; TOZY, 2013, p. 218-219)¹⁴

Tabela 2 - Pertencimento religioso na France de 1988 à 2007.

	1988	1995	1997	2002	2007
Católicos	81,9%	74,7%	72,9%	67,9%	57,2%
Sem religião, não resposta	13,3%	20,5%	22,8%	26%	32,8%
Muçulmanos	0,6%	0,8%	0,7%	2%	5%
Outras religiões	2%	1,2%	0,9%	1,3%	2,3%
Protestantes	1,9%	2,3%	2,2%	2,3%	2%
Judeus	0,4%	0,4%	0,6%	0,5%	0,6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: DARGENT, op. cit., p. 222 e 227. (Tabela reconstruída sob os cuidados do autor)

Se na Paris 8 o grupo numericamente dominante é o dos franceses descrentes, entre os estrangeiros, assim como entre os franceses, a primeira religião é o Islã, enquanto que, em 2007, a França contava com 57,2% de católicos e 5% de muçulmanos (tabela 2). O catolicismo, religião historicamente majoritária na França, é portanto minoritária na Paris 8. E ele está mais presente entre os estrangeiros originários de outros países europeus frequentemente mais religiosos que a França, como Polônia, Portugal ou Itália, assim como entre os provenientes da América do Sul, das Caraíbas, ou ainda da África subsaariana, do que entre os franceses. Donde, aliás, a presença crescente dos padres africanos nas igrejas católicas francesas.

Do mesmo modo, a importância dos “cristãos” (5,4%), assim como dos protestantes (3%), é ligada à forte presença na Paris 8 de diásporas originárias da África subsaariana, das Antilhas e do Haiti. Enfim, os judeus, budistas e ortodoxos, reúnem apenas 3% dos respondentes, enquanto que os adeptos de outras religiões ou crenças, com frequência não instituídas, acumulam, o que é

¹⁴ Essa reganho da crença religiosa nas gerações jovens também se observa em parte na França.

considerável, 7,2% dos totais. Entre esses últimos, encontram-se muitas crenças “em Deus” sem que elas se refiram a uma religião em particular, mas a uma religião qualificada como “pessoal”.

Essa percentagem importante de crentes não filiados – manifestação exemplar do que Grace Davie chama de “*believing without belonging*” – explica-se sem dúvida pela formulação relativamente aberta da questão posta, a qual colocava implicitamente sob um mesmo plano religiões institucionais – ou “convencionais” como dizem os anglo-saxões – e outras crenças mais ou menos cristalizadas e institucionalizadas pela juventude e o capital escolar e cultural de uma fração da população estudada. Nota-se que esse distanciamento das religiões institucionais, essa bricolagem ou “*do it yourself*” religioso tem forte conotação subjetiva e pragmática (só é verdade o que tenho provado, percebido, compreendido “pessoalmente”), ou como escrevem alguns autores “essa individualização e subjetivação do crer”. (BOBINEAU; TANK-STORPER, 2007, p. 89) Isso tudo não deixa de favorecer a importação de religiões, como o budismo no Ocidente (mas numa versão ocidentalizada), encontrada com mais frequência entre os franceses do que entre os estrangeiros, sendo particularmente raras entre os estudantes estrangeiros oriundos da Ásia e do Magreb. Sabe-se que os primeiros praticam com mais frequência “a meditação” (mais ou menos “livre”), enquanto os segundos oram mais classicamente e mobilizam com mais frequência o vocabulário da imposição para descrever suas práticas religiosas (eu rezo porque minha religião me ordena, porque isso faz parte dos “cinco pilares do islamismo”), o que sublinha assim a importância das questões de ortopraxia nesses meios. Do mesmo modo, essa bricolagem espiritual que pode adquirir um viés mais ou menos intelectualista é mais recorrente entre os estudantes de artes, de comunicação ou de antropologia do que entre os economistas, o pessoal da informática ou historiadores; essas diferentes disciplinas não acolhem os mesmos públicos e também não cultivam as mesmas disposições escolares, e geralmente mais intelectuais e políticas, entre seus estudantes.

Processo migratório e aculturação

A fim de distinguir a população dos filhos de imigrantes, construímos uma tipologia estudantil combinando critérios geográficos, de nacionalidade e de língua, que permitiu distinguir três grupos. O primeiro, que de maneira convencional nomeamos de “franceses de origem”, reúne os estudantes que fizeram seus estudos secundários na França e cujo pai é francês, compreendendo 58,7% dos

respondentes. O segundo reúne os filhos de imigrantes que realizaram seus estudos secundários na França, mas cujo pai é estrangeiro (22,9%). O terceiro, reúne “estrangeiros”, estudantes que realizaram seus estudos secundários no estrangeiro (18,4%)¹⁵.

Em seguida, e a fim de diferenciar o grupo de “franceses de origem”, subdividimos em três subgrupos segundo a língua falada em casa. Isso permitiu distinguir o subgrupo de franceses de origem em que se fala somente o francês (44,8%) do de franceses de origem em que se fala uma outra língua europeia e o crioulo (9,3%), do de franceses de origem em que na família se fala uma língua não europeia (4,6%); o árabe sendo portanto a língua majoritária. Enfim, distinguimos os filhos de imigrantes e os estrangeiros em função da nacionalidade do pai. A combinação desses critérios permitiu finalmente compor 14 tipos de estudantes e começar a diferenciar mais finamente as ondas de migrantes em função de sua antiguidade, assim como de sua proveniência geográfica.

¹⁵ Como muitos filhos de imigrantes não adquiriram a nacionalidade francesa, escolhemos privilegiar a variável ligada ao lugar dos estudos secundários para determinar a nacionalidade dos estudantes. Em consequência disso não foi possível em seguida levar em conta a variável nacionalidade *stricto sensu* para construir a categoria dos estudantes estrangeiros. Para lembrar, assinalamos que a definição da UNESCO de estudante estrangeiro é a seguinte: “*um estudante estrangeiro é uma pessoa inscrita num estabelecimento superior de um país ou de um território em que não tem sua residência permanente*”. Essa definição distingue assim os estudantes estrangeiros residentes daqueles em situação de mobilidade. (COULON; PAIVANDI, 2003, p. 6)

Os estudantes da Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis e a religião: ensaio de contextualização social e histórica

Tabela 3 - Filiação religiosa dos estudantes segundo suas origens.

	Sem, não resposta	Muçulmano	Católico	Cristão	Ortodoxo	Protestante	Judeu	Budista	Outros	Conjunto	Totais
Francês de origem + francês somente	71,7%	1,6%	11,7%	4,9%	0,2%	2,1%	0,9%	0,7%	6,3%	100%	573
Francês de origem + língua europeia	54,6%	0,8%	18,5%	5,9%	0%	5,0%	0,8%	0%	14,3%	100%	119
Francês de origem + língua não europeia	32,2%	44,1%	6,8%	5,1%	0%	3,4%	0%	1,7%	6,8%	100%	59
<hr/>											
Filho de imigrante Europa	51,9%	1,9%	21,2%	9,6%	5,8%	0,0%	0%	1,9%	7,7%	100%	52
Filho de imigrante Magreb	13,6%	73,5%	0,8%	0,8%	0%	0,0%	0,8%	0%	10,6%	100%	132
Filho de imigrante África	11,9%	23,8%	26,2%	16,7%	0%	7,1%	0%	0%	14,3%	100%	42
Filho de imigrante Ásia	38,5%	34,6%	7,7%	0%	0%	3,8%	3,8%	3,8%	7,7%	100%	26
Filho de imigrante América / outros	38,5%	0%	0%	38,5%	0%	15,4%	7,7%	0%	0%	100%	13
<hr/>											
Estrangeiro Europa	46,8%	3,2%	17,7%	6,5%	14,5%	3,2%	0%	1,6%	6,5%	100%	62
Estrangeiro Magreb	8,6%	89,7%	0%	0%	0%	0%	1,7%	0%	0%	100%	58

Estrangeiro África	1,9%	62,3%	11,3%	9,4%	0%	13,2%	0%	0%	1,9%	100%	53
Estrangeiro Ásia	48,1%	18,5%	0%	7,4%	0%	3,7%	0%	22,2%	0%	100%	27
Estrangeiro América / outros	51,9%	0%	25,9%	0%	0%	3,7%	0%	7,4%	11,1%	100%	27
Outros	45,9%	24,3%	10,8%	5,4%	0%	5,4%	2,7%	2,7%	2,7%	100%	37
Conjunto	50%	20%	11%	5%	1%	3%	1%	1%	7%	100%	1.280
Totais	639	254	146	69	13	39	11	17	92	1.280	

Fonte: Questionários aplicados pelo autor.

Analisando o grupo de franceses de origem, observa-se que o critério da língua distingue fortemente os estudantes que em família falam somente o francês: 71,7% deles são descrentes; entre os estudantes que falam uma língua não europeia, apenas 32,2% de descrentes; os locutores que falam uma língua europeia ou o crioulo ocupam uma posição intermediária: 54,6% de descrentes. Os totais de franceses de origem que em família falam uma língua europeia também são duas vezes mais elevados do que os franceses de origem que falam uma língua não europeia. Isso remete à história da imigração na França. De fato, sabe-se que no século XX as primeiras ondas de migrantes procedem essencialmente de países europeus (Itália, Espanha, Bélgica, Polônia, etc.), enquanto que após a segunda guerra mundial – com exceção considerável da imigração portuguesa – elas vêm sobretudo de países outrora colonizados pela França. (NOIRIEL, 1988) A isso acrescentam-se as migrações provenientes dos territórios ultramarinos franceses, que têm um lugar não negligenciável e mereceriam um estudo próprio. De fato, a percentagem de crentes é claramente mais elevada nas famílias em que se fala o crioulo, notadamente católicos, cristãos e protestantes. Desse grupo também se aproximam os migrantes provenientes do Haiti, República Dominicana, etc.

Essas transformações na natureza do fluxo migratório também são observadas quando se compara os totais de filhos de imigrantes segundo a nacionalidade do pai. Nesse grupo, os filhos de migrantes europeus formam somente um quinto do total e abrangem notadamente uma forte proporção de migrantes portugueses. A comparação das taxas de filhos de imigrantes descrentes confirma a menor crença dos filhos de migrantes europeus (que são entretanto mais crentes que os franceses de origem e que falam uma língua europeia). No que concerne aos outros fluxos migratórios, observa-se que os filhos de imigrantes originários do Magreb e da África negra creem

em proporções comparáveis, enquanto a descrença é claramente mais importante entre os filhos de migrantes da Ásia e da América. O que merece destaque é que as oposições se encontram no interior do subgrupo de estudantes estrangeiros provenientes da Ásia e da América. Estes são todavia um pouco menos crentes que os europeus.

No plano das crenças religiosas, os filhos de imigrantes ocupam uma posição intermediária entre os franceses de origem e os estrangeiros. Assim, a taxa de descrentes cai de 32,2% entre os franceses de origem que falam uma língua não europeia para 13,6% entre os filhos de imigrantes de origem magrebina, para 8,6% entre os estrangeiros magrebins e 1,9% entre os estrangeiros provenientes da África negra. Tudo ocorre portanto como se se observasse um processo progressivo de aculturação religiosa das populações migrantes que, ao longo das gerações e às vezes mesmo paradoxalmente através de eventuais retornos a uma religião percebida como “mais autêntica”, porque purificada por seus escores tradicionalistas, tenderiam a se aproximar do modelo religioso dominante próprio à sociedade que acolhe.

Paris 8 no espaço do ensino superior parisiense

A distribuição global do público da Paris 8 entre um grupo majoritariamente descrente e frequentemente mais liberal em matéria de costumes (por exemplo, 88,9% dos descrentes “aceitam” a homossexualidade e esse também é o caso de 76,1% dos adeptos de outras religiões/crenças não institucionalizadas), um grupo muçulmano protestante muito mais tradicionalista e rigorista em matéria de costumes (19,3% dos primeiros e 20,5% dos segundos o aceitam) e com práticas religiosas frequentemente mais intensas e, enfim, um grupo católico minoritário pouco praticante cujas opiniões em matéria de costumes se alinham mais com as dos descrentes (71,2% dentre eles o aceitam), resulta da história própria de cada uma dessas religiões, cujas temporalidades também diferem profundamente¹⁶.

¹⁶ Para um balanço sobre as diferentes religiões na França, ver Zwilling (2019).

Na verdade e ao menos após os anos 1980, mas o fenômeno é mais antigo, o catolicismo declina na França, contribuindo assim para o rápido aumento da proporção de descrentes na população francesa (tabela 2). E acontece o mesmo quanto à prática religiosa católica mensurável através da presença dominical na missa, dos batismos, casamentos religiosos celebrados anualmente, de crianças catequisadas, etc. O catolicismo enfrenta portanto uma grave crise de transmissão, bem visível também na população que respondeu a enquete quando se compara a religião dos estudantes a de seus pais.

As igrejas se esvaziam e a base social ativa do catolicismo se restringe pouco para, parece, centrar-se particularmente na dos católicos praticantes de origem burguesa. Donde a existência nesses meios de um entre si social e religioso particularmente poderoso e o sentimento experimentado por alguns padres, segundo o qual “o catolicismo tende a se confundir cada vez mais com uma certa cultura burguesa”. (CLEUZIQUÉ 2014, p. 51) Essa diminuição numérica crescente do catolicismo alimenta o fenômeno global de secularização da sociedade francesa e sem dúvida favorece o desenvolvimento de reflexos identitários notadamente ilustrados pela aparição em torno dos anos 2010 do conceito de “catofobia”¹⁷, manifestamente inspirado no de “islomofobia”. Inversamente, após os anos 1980 o islã, que tem como particularidade ser conduzido por frações das classes populares geralmente oriundas da imigração proveniente do Magreb e da África subsaariana, se desenvolveu muito, ao ponto de se tornar a segunda religião da França (tabela 2).

Do mesmo modo, aliás como no plano mundial, o evangelismo está em plena expansão especialmente nos bairros populares que contam com uma importante proporção de estrangeiros, o que objetiva bem a distribuição espacial de seus locais de culto. Sabe-se assim que na escala do território francês, o departamento de Seine-Saint-Denis, onde está implantada a universidade estudada, conta com o maior número de igrejas evangélicas e pentecostais; e que a partir do início dos anos 2000, estas se multiplicaram muito e que seus locais de culto estão geralmente situados em espaços marginais, intersticiais e em edifícios inicialmente não previstos para esse fim. (DEJEAN, 2010) Na verdade, trata-se com frequência de antigas fábricas, lojas, hangares, ateliês, cinemas desativados, e até mesmo para algumas “igrejas negras” e/ou étnicas muito minoritárias, de pavilhões de periferia abrigando o que às vezes se chama de “igrejas de casa”, onde o culto (frequentemente

¹⁷ Do original “*cathophobie*”, conjunto de julgamentos negativos e em oposição ao catolicismo. [N.T.]

muito caloroso) é celebrado na língua de origem dos participantes. Isso é seguido geralmente por uma refeição durante a qual são compartilhados pratos tradicionais de seu país de origem. Essas igrejas também oferecem com frequência apoio e refúgio comunitário aos migrantes recém-chegados.

Essa infraestrutura imobiliária mostra bem o caráter recente de sua implantação, assim como sua precariedade social e institucional aumentada, aproximando-as muito dos locais de cultos muçulmanos, estes também situados em espaços urbanos desvalorizados que reforçam o processo de estigmatização dessas religiões. Isso as distingue fortemente do catolicismo cujos edifícios culturais ladeiam metodicamente o território nacional e ocupam geralmente uma praça escolhida no espaço urbano assim como no rural. O paradoxo é que estes locais de culto são cada vez menos frequentados por seus “fiéis”.

Mas a configuração religiosa da Paris 8 também resulta de mecanismos de segregação tanto escolar quanto social postos em prática desde o ensino secundário, contribuindo, desde o colégio¹⁸, para a produção de “verdadeiros guetos escolares”. (FELOUZIS, 2005, p. 12) Assim, algumas enquetes mostram que, atualmente, e em razão de reflexos comunitários acentuados, as populações católicas, mas também judias – as mais fervorosas –, se refugiam cada vez mais no privado e fogem portanto do ensino secundário público¹⁹. Também é assim aliás para muitas famílias descrentes, suficientemente dotadas tanto cultural quanto economicamente, que desejam escapar da escola pública, nas quais, em alguns estabelecimentos, em razão notadamente da adaptação dos professores ao seu público, o grau de exigência escolar é menor que alhures.

¹⁸ Corresponde ao segundo ciclo do Ensino Fundamental (do 5º ao 9º ano). [N.T.]

¹⁹ Sobre esse ponto, ver sobretudo as contribuições de Bérengère Massignon: *L’enseignement privé catholique, e de Joëlle Allouche-Benayoun: L’enseignement privé juif*, na obra coordenada por Beraud; Willaime (2009). Num artigo mais antigo, Héran (1996, p. 29) já sublinhava que “a escolha de uma escola privada confessional – ou seja, a maioria das escolhas no setor privado – é fortemente ligada ao grau de implicação na religião. Os lares praticantes fazem essa escolha quatro vezes com mais frequência que os lares indiferentes. [...] Reciprocamente, a escolha ativa da escola pública está em parte ligada à indiferença religiosa.” E o autor conclui: “O sistema de valores dos pais exerce um papel central.”

Essas dinâmicas, tanto sociais, escolares quanto religiosas, fazem com que no plano religioso o público do ensino público se polarize entre um polo de católicos “de cultura” pouco praticantes, frequentemente muito ignorantes em matéria de religião, assim como descrentes, e um polo muçulmano com práticas claramente mais intensas e visíveis. E em razão do desenvolvimento recente desta religião na França, assim como do custo dos estudos nos estabelecimentos privados, esses últimos dispõem de um número muito reduzido de estabelecimentos privados muçulmanos. De fato, na França, 95% das escolas privadas são católicas²⁰.

Combinado com o caráter de classe marcado do recrutamento social de alguns estabelecimentos, habilitações, isso explica porque atualmente em Paris alguns liceus²¹ públicos profissionais acolhem um público particularmente popular contando com mais de 70% de alunos muçulmanos. (FARHAT, 2016, p. 82) Daí uma espécie de islamização da representação da religião nesses estabelecimentos, imposta notadamente pelas práticas mais visíveis desta religião (respeito ao ramadã e portanto a não frequência da cantina ao meio dia, a recusa de consumir porco, o uso do véu, etc.) Esta configuração sociorreligiosa explica sem dúvida a virulência dos debates em torno da laicidade, do uso do véu, etc. nesses estabelecimentos públicos e que seus alunos não se sentem necessariamente “*Charlie*”. (BATTAGLIA; FLO’CH, 2015)²² Nota-se assim que, neste momento, esses estabelecimentos não contam com nenhuma capela²³ muçulmana, enquanto elas são recorrentes em prisões, assim como nas forças armadas, o que remete diretamente ao público das instituições envolvidas. Inversamente, e em razão de uma herança histórica muito antiga, as capelas católicas são numerosas no ensino público²⁴.

²⁰ Sabe-se ainda que em 2013, 13,3% dos alunos do primeiro grau estão inscritos no privado. Mas que esta taxa chega a 22,6% em Paris que é uma vila particularmente burguesa, contra 4,8% em Seine-Saint-Denis, departamento onde está implantada a Universidade Paris 8. Essa percentagem se eleva em seguida para 21,2% no segundo grau, sempre com uma forte diferença entre Paris (30,7%) e Seine-Saint-Denis (13,4%). (FRANCE. Ministère de l’Éducation nationale, 2014, p. 79, 81, 99 e 93)

²¹ Correspondem às Escolas de Ensino Médio. [N.T.]

²² No que concerne aos debates, mais ou menos tormentosos, nos estabelecimentos escolares após o atentado terrorista de 7 de janeiro de 2015 contra a Revista *Charlie*, ver Battaglia; Flo’ch (2015).

²³ Do original “*aumônerie*”, significando o lugar assegurado ao culto no interior de estabelecimentos de ensino, mas também hospitais, prisões, etc. O “*aumônier*”, por sua vez, caracteriza o personagem eclesiástico encarregado de assegurar os serviços litúrgicos. [N.T.]

²⁴ Lembremos que na França: “As capelas de liceus foram criadas em 10 de dezembro de 1802, e a lei de separação não pôs em dúvida sua existência. (...) As capelas escolares são atualmente regidas por uma circular de 22 de abril de 1988, que estipula que os estabelecimentos do segundo grau, inclusive os externatos, poderão, se os pais de alunos o

Essas lógicas de segregação tanto social quanto escolar, conseqüentemente religiosa, continuam no superior pela mediação notadamente da “reputação” social, política, intelectual, etc., de cada estabelecimento, funcionando portanto como um filtro *a priori* ideológico que favorece alguns recrutamentos e afasta outros. Por exemplo, a reputação de “faculdade de esquerda”, até mesmo de extrema esquerda da Paris 8, dada sua herança intelectual de vanguarda pós 68, conhecida e valorizada em alguns meios sociais cultivados e/ou politizados à esquerda, exerce um efeito de sinal. Este contribui para atrair para as disciplinas mais cotadas localmente estudantes particularmente militantes e laicos, geralmente oriundos da pequena burguesia intelectual do setor público, oriundos tanto da província quanto do estrangeiro, ou insatisfeitos com o conservadorismo dos estabelecimentos mais tradicionais; e que quando dos movimentos sociais locais constituem aliás uma boa parte da vanguarda política. Uma vanguarda frequentemente desejosa de arrastar atrás de si estudantes muçulmanos de origem popular que se confrontam com as diferenças de classes, assim como de opiniões em matéria de costumes e de religião.

Do mesmo modo, a importante proporção de estudantes estrangeiros, assim como de filhos de imigrantes na Paris 8 fazem dela um lugar atrativo, até mesmo um refúgio, para alguns deles. Por exemplo, Salima, uma estudante de 23 anos titular de um bacharelado profissional inscrita na graduação 2 de sociologia mas vivendo em um bairro bastante burguês de Paris onde, diz ela, “não tem estrangeiros”, tendo muitas vezes sido agredida na rua em razão de seu véu, explica que: “Somente na Paris 8 é que me sinto em segurança (risos). Com todas estas pessoas vindas de fora, e muitas moças com o véu. Tu vê, eu me sinto mais à vontade aqui do que na minha própria cidade, que fica a 30 minutos nem mesmo isso (risos)”²⁵. E acontece a mesma coisa com muitos estudantes estrangeiros atraídos pelo recrutamento particularmente cosmopolita desta universidade e que com frequência vêm se juntar aos compatriotas, ou à família já residente na região parisiense.

solicitarem, ter um serviço de capelão, de direito se eles comportarem um internato, sobre a decisão do reitor no caso contrário. Esta possibilidade está em teoria aberta a todas as religiões, mas as capelas atualmente existentes (cerca de 4.000) são quase exclusivamente católicas.” (BERAUD; WILLAIME, op. cit., p. 67)

²⁵ Entrevista realizada por Myriam Dekhil. No que concerne à religião nas famílias magrebinas, ver Khaldi (2008).

Inversamente, essa reputação, esse recrutamento social, escolar, etc., contribuem para afastar os estudantes católicos mais crentes e praticantes, com frequência mais orientados politicamente à direita, e que espontaneamente optam sobretudo (quando possuem os meios escolares, econômicos) por outros estabelecimentos mais clássicos e elitistas de Paris centro, por cursos mais valorizados tanto social quanto economicamente, como direito ou medicina, ou o ensino superior privado.

Essas “minorias escolhedoras” como chama François Héran, que tanto podem ser crentes ou descrentes, orientadas à esquerda ou à direita, prolongam assim as lógicas segregativas em prática no ensino secundário. Elas contribuem com a homogeneização ideológica relativa dos estabelecimentos e portanto com a produção de conformismos políticos locais mais ou menos pesados por suas respectivas minorias, fazendo com que alguns estabelecimentos sejam *a priori* percebidos como “de esquerda” e outros de “direita”.

Se o evitamento da Paris 8 pelos católicos praticantes de origem social elevada não gera nenhuma dúvida, esse também é o caso de outras minorias como a dos judeus crentes e praticantes que, apesar da proximidade geográfica de Sarcelles, às vezes apresentada como a “primeira cidade judia da França”²⁶, jamais se inscrevem num estabelecimento frequentemente percebido como particularmente “pró-palestiniano”. (BRAFMAN, 2014) Isso pode ser remetido à sua história política (engajamento constante, desde a origem, na causa palestina), assim como às particularidades de seu público (importância da diáspora magrebinha). É por isso que os raros judeus que ali se encontram são geralmente judeus laicos, sobretudo de origem ashkénaze, e alguns herdeiros do engajamento político-intelectual de esquerda, até mesmo de extrema esquerda, de seus ancestrais dos anos 60/70, que aliás exerceram um papel chave em 68²⁷. Eles parecem aliás cada vez mais minoritários atualmente em razão notadamente do reenquadramento político à direita dessa comunidade, assim como da reviravolta religiosa atual iniciada pelo movimento de *techouvah* (retorno ao judaísmo e à observância integral da lei bíblica), e de um curvamento comunitário acentuado ligado ao retorno contemporâneo do antissemitismo na França. (ALLOUCHE-BENAYOUN, 2009, p. 197)

²⁶ Segundo Sylvie Strudel (2000, p. 167): “*Estimada nacionalmente em 1 % da população total, a população judia representaria à Sarcelles de 17 a 20% da população local, seja de 10 a 12.000 pessoas*”, sabendo-se que se trata essencialmente de judeus séfarades de origem popular, originários particularmente da Tunísia.

²⁷ Assim, a época Daniel Cohn-Bendit, um dos líderes estudantis de maio de 68, ele também de origem judia, podia escrever na forma de piada que “*Na França, as direções nacionais dos grupos de extrema esquerda podiam falar iídiche, mesmo que elas não estivessem de acordo entre si.*” (COHN-BENDIT, 1975, p. 11)

Pequeno desvio por duas grandes escolas

Por concentrar um grande número de estabelecimentos de ensino superior, e notadamente os mais prestigiosos dentre eles, a região parisiense apresenta os efeitos de segregação, de hierarquias particularmente potentes. Se esse ponto já está suficientemente documentado no que concerne ao seu recrutamento social e escolar²⁸, não se dispõe de nenhuma enquete recente interessada na relação dos estudantes parisienses com a religião, permitindo situar Paris 8 nesse espaço. É preciso voltar aos anos sessenta para encontrar duas enquetes quantitativas permitindo comparar a religiosidade do público das diferentes faculdades, mas também das escolas²⁹, as quais mostram que antes de 68 esse espaço já era fortemente clivado. Num polo a faculdade de letras e ciências humanas e a de ciências da Universidade de Paris (cujo recrutamento social também é mais popular), assim como as Escolas normais superiores onde a taxa de descrentes chega ao seu máximo. E no outro polo as faculdades de medicina, de direito, a Escola de Altos Estudos Comerciais, a Escola Nacional de Administração, a Politécnica e a Ciências Po Paris, cujo recrutamento social é claramente mais elevado e onde a taxa de descrentes é particularmente baixa³⁰.

Antes de 68, e do lado estudantil, o ensino superior era portanto fortemente clivado tanto religiosa quanto socialmente. E, por um efeito de homologia frequentemente evidenciado, acontece o mesmo do lado professoral. Assim, a enquete conduzida por Pierre Bourdieu e sua equipe em 1967 com professores titulares das faculdades parisienses mostra que a origem social dos professores de letras e ciências é mais popular que a dos professores de direito, ciências econômicas e sobretudo medicina. E que a taxa de “católicos notórios” passa de 7,8% em ciências, 19,2% em letras, 21,8% em direito para culminar em 41,6% em medicina. (BOURDIEU, 1984, p. 66) Essas diferenças de

²⁸ Para um estudo recente centrado nas universidades parisienses, ver Frouillou (2017).

²⁹ A primeira é de Glorieux; Grandval; Rey-Herme (1966), intitulada *O estudante e a religião*. A segunda é de Pierre Bourdieu; Monique de Saint-Martin (1987), que não trata especificamente do sujeito, mas fornece dados comparativos para as grandes escolas.

³⁰ No que concerne às taxas de descrentes nessas escolas, ver Bourdieu; Saint-Martin, op. cit., p. 50.

recrutamento, assim como de orientação ideológica, não serão aliás sem efeito em maio de 68. As faculdades de letras (notadamente a Sorbonne letras), ciências, assim como as Escolas normais superiores, estarão na ponta do “movimento”. Enquanto direito, medicina e, enfim, as grandes escolas científicas, econômicas e políticas, se “mobilizarão” tardiamente. Tudo isso interroga sobre o efeito dos pertencimentos socioreligiosos, sobre o engajamento político dos estudantes, assim como de seus professores, em maio de 68: sujeito um pouco tabu, mas muito apaixonante. Sabendo que, ainda que fossem minoritários, os católicos e os protestantes de esquerda também exerceriam um papel importante a época³¹.

Figura 1 - Slogan escrito em maio de 68 na Capela da Sorbonne

(Como pensar livremente à sombra de uma capela?)



Foto de Christian Lemaire.

No momento, não se dispõe de enquete sistemática relativa à religiosidade dos estudantes nem dos professores parisienses de hoje. No entanto, alguns índices levam a pensar que no alto do ensino superior parisiense, e particularmente no setor das classes preparatórias, grandes escolas, o catolicismo ainda ocupa um lugar de escolha, o protestantismo, o judaísmo assim como o islã sendo, ao contrário, quase invisíveis. Por exemplo, sabe-se que atualmente os liceus Henri IV, Louis-le-Grand e Saint-Louis – considerados florões do ensino público laico e do elitismo republicano onde é formada a maior parte dos alunos das grandes escolas francesas – dispõem cada um de uma capela

³¹ No que concerne aos estudants, ver: Pagis (2010/1). E para uma perspectiva histórica, ver Pelletier; Schlegel (2012).

católica dentro de seus muros; que elas estão em atividade e que no liceu Henri IV, por exemplo, ela reúne semanalmente muitos alunos, originários particularmente das classes preparatórias literárias e da Escola de Chartes. Essa descoberta inopinada que nos surpreendeu um pouco no início, nos levou em seguida a interrogar dois estabelecimentos: no caso a Escola Normal Superior (ENS) da rua d’Ulm e Ciências Po Paris. Dois estabelecimentos de elites escolhidos em razão de seu posicionamento religioso contrário nos anos 60, mas também porque atualmente, comparados à Paris 8, eles estão por seu recrutamento social e escolar situados na antípoda do campo acadêmico parisiense.

Na sua histórica sobre a capela católica da ENS, Baptiste Coulmont (1997, p. 16) já escreve que entre 1955 e 1962 o grupo “tala” (gíria normalista para falar dos alunos que vão à missa) parece “muito vivo, recrutando cerca de um terço das promoções”. Após 68, ele é somente a sombra de si mesmo, esse declínio se explicando pela politização da vida normalista que teria “feito explodir um grupo finalmente pouco homogêneo”³². E, por um movimento clássico do balanço entre política e religião, é a favor do recuo dessa politização (dissolução da célula da União de Estudantes Comunistas da l’ENS, declínio dos painéis políticos nos corredores da escola...) e de um reviver religioso atingindo o conjunto das capelas católicas da França³³, que é relançada em março de 1981 na ENS por iniciativa do padre Jean-Robert Armogathe. Ele é um antigo normalista, formado em letras, doutor de Estado em filosofia, além de diretor de estudos na Escola Prática dos Altos Estudos e diretor da revista teológica internacional católica *Communio*.

Atualmente esta capela, cujo público compreende metade de homens e de mulheres, um terço de alunos de ciências e dois terços de letras e ciências humanas com uma importante proporção de alunos de letras clássicas (latim, grego) e filosofia, dos quais alguns também passaram antes por liceus católicos não mistos, é muito ativa. Sua vida está centrada principalmente em torno do ofício religioso

³² Ibid., p. 16.

³³ De fato, segundo Gérard Cholvy, é no final dos anos 70 que as capelas estudantis recomeçam. Por exemplo, a peregrinação de Chartres organizada a cada ano pelos capelães do ensino superior na Ilha-de-France, e que às vezes se qualifica de « barômetro do catolicismo francês », conhece um reganho de frequência no início dos anos 80. Segundo Cholvy, a participação nessa peregrinação culmina com 18.000 estudantes em 1959, para se reduzir a 3.000 no final dos anos 70, e subir para 5.000 em 1985. Sabe-se entretanto que durante esse tempo, o número de estudantes inscritos no ensino superior na França foi multiplicado por quase cinco. (CHOLVY, 1999, p. 326 e 351)

semanal que se desenvolve na quinta-feira à noite (fala-se assim da “quinta-feira tala”) e que acontece na rua Gay-Lussac no convento vizinho das freiras da Adoração reparadora, reunindo entre 30 e 40 pessoas. O ambiente ali é particularmente fervoroso e, no momento da nossa observação em 25 de fevereiro de 2016, o padre estava de colarinho romano, o que atesta um certo tradicionalismo, enquanto que, para nossa grande surpresa, quase metade da assistência passara uma boa parte da missa de joelhos (o piso estando entretanto coberto de carpete). Durante esta observação (mais ou menos participante), nosso sentimento fica muito aliviado. De fato, apesar da nossa cultura católica de origem, tínhamos a impressão de entrar por assalto na intimidade partilhada, e portanto no entre si social, das pessoas observadas.

A capela da ENS dispõe também de um pequeno oratório ornado de ícones ortodoxos situado no interior da Escola, no subsolo do imóvel Rataud e no qual os dois “príncipes” e as duas “princesas talas”, escolhidos por seus colegas para animar a vida da capela em ligação com o capelão, organizam cantos de louvor todas as manhãs às oito horas, exceto no domingo, e às vezes reuniões noturnas. Esta também serve para anunciar os casamentos de antigos “talas”. Ela também organiza “finais de semana de reinício” e participa em peregrinações, como a anual de Chartres ou as “marchas de verão” destinadas a visitar “os pontos cardeais da cristandade latina”: no caso Roma, Assis, Compostela, Jerusalém, etc.

Além disso, assinalamos que, após o início dos anos 90, e com três números por ano, esses alunos, dos quais alguns oriundos das classes preparatórias literárias, dotados portanto de competências raras em grego e em latim, o que lhes oferece um acesso privilegiado aos textos canônicos, contribuem ativamente com uma revista teológica de alta repercussão, intitulada *Sénevé*, publicada conjuntamente pela capela da ENS e da Escola Nacional de Chartes. Esta capela também organiza ciclos de conferências. Por exemplo, a do ano 2014-2015 se intitulava: “O que devo fazer para ter a vida eterna?” e visava desenvolver a questão “A moral fundamental”. O estudo de seu programa atesta a importância das preocupações morais, e notadamente a moral sexual, familiar nas novas gerações de “talas”.

Igualmente, as uniões endógenas, isto é entre “talas”, parecem muito recorrentes nesse meio. Eis o que diz J.-R. Armogathe:

Eu realizo com mais frequência casamentos de crentes entre si, noivos que não tiveram relações sexuais antes do casamento, que vislumbram fundar um lar estável,

Os estudantes da Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis
e a religião: ensaio de contextualização social e histórica

católico, com mais filhos que a média nacional. Entre crentes e não crentes, a distância aumentou muito nos últimos vinte anos. (ARMOGATHE, 2001, p. 136)

Assim, nota-se que esses alunos se juntam às preocupações morais dos estudantes muçulmanos, ou protestantes evangélicos, os mais praticantes da Paris 8. Preocupações que os colocam na antípoda dos movimentos LGBT que, de fato, são conduzidos por estudantes de origens sociais muito diferentes.

Falando da evolução da espiritualidade tala sobre uns trinta anos, J.-R. Armogathe explica que nos anos 80 a ênfase já estava posta sobre o aspecto convivencial e fraterno: “Pouco a pouco, como após um período de perseguição, os jovens cristãos levantavam timidamente a cabeça e eram felizes por se encontrarem nos pequenos agrupamentos calorosos e piedosos.” (ARMOGATHE, 2001, p. 125) Enquanto esses de hoje se apegam muito

à beleza dos cantos, do altar e da capela, a um certo hieratismo na celebração. E muitos praticam, sozinhos ou em vários, a recitação cotidiana do breviário, a prece na Igreja, de manhã (os “cantos de louvor”) e à noite (as “reuniões” antes da refeição da noite). Eles praticam muito a Escritura sagrada e são ávidos por conferências de exegese. (ARMOGATHE, 2001, p. 127)

Daí a contribuição muito significativa, quando se relaciona à modéstia desses totais, desse estabelecimento voltado à produção de vocações religiosas. Fenômeno objetivável com a ajuda do Anuário dos antigos alunos da Escola, que mostra que a ENS produz cerca de uma vocação por ano, o que não é negligenciável num contexto francês particularmente deprimido em que se ordena somente 120 padres por ano.

À sua maneira e mesmo, se princípio de laicidade obriga, isso permanece necessariamente discreto, a ENS da rua d’Ulm continua contribuindo para a reprodução de uma elite intelectual católica que, por razões tanto demográficas, sociais, quanto históricas, é difícil de encontrar o equivalente nas outras religiões. De fato, essas religiões muito minoritárias não dispõem de sua formidável infraestrutura escolar privada herdeira de uma história multissecular. E, à primeira vista, no caso o islã, é sem dúvida uma das mais mal servidas. Com seu recrutamento particularmente popular, isso condiciona fortemente a percepção coletiva desta religião e o tipo de religiosidade que ela veicula. Também se pode mencionar a questão, particularmente sensível debatida atualmente, dos

“*immas*³⁴ autoproclamados”, ou dos enviados para os países de origem dos migrantes a fim de manter o controle dessas populações, e por isso a construção de um sistema nacional de formação dos “*immas*” destinado a favorecer o surgimento de um “islã da França” para combater as derivas sectárias ou terroristas³⁵.

Essa ancoragem católica persistente, tendendo a fazer de algumas grandes escolas conservatórios do catolicismo, é ainda mais evidente na Ciências Po Paris, ou seja numa Escola “livre” (e portanto privada) de ciências políticas criada justamente após a Comuna em 1871 pela burguesia liberal parisiense de negócios, que paradoxalmente forma hoje muitos dos futuros *énarques*³⁶, altos funcionários, mas também chefes de empresa, jornalistas, etc. De fato, a capela católica de Ciências Po (o “Centro Saint Guillaume”), situado a dois passos da ENA e cercado por boutiques de moda particularmente chiques do Quartier Latin, é muito ativa. Estendendo-se sobre um térreo e um andar compreendendo notadamente uma biblioteca religiosa e um pequeno oratório, ela está aberta todos os dias da semana de 8h da manhã à 19h15. Em 2015, ela contava com não menos de quatro capelães encarregados de responder às solicitações dos alunos. Pode-se assim muito facilmente encontrar ali um padre jesuíta “enviado em missão nas grandes escolas”. Os jesuítas sempre tiveram uma política muito ativa de investimento nessas escolas, setor julgado particularmente estratégico na conquista dos espíritos. Este padre se ocupa sobretudo com as “preparações para o casamento”, pode confessar, ser eleito como “pai espiritual” pelos alunos preocupados em aprofundar sua fé, ou desejosos de ingressar nas ordens. Parece também que, como na ENS, Ciências Po produz cerca de uma vocação religiosa por ano.

De fato, o “Centro Saint Guillaume” é o mais antigo, e a mais importante associação estudantil de Ciências Po e seu funcionamento é notadamente assegurado pelos donativos dos antigos (700 em 2008). Como a da ENS, sua vida é ritmada por uma missa semanal celebrada todas as quintas feiras à noite no prédio dos jesuítas, missa seguida por uma refeição, depois por conferências. Essa capela também publica depois de 2010 uma revista anual, intitulada *Kerygme*, termo grego significando “a proclamação da fé inicial dos cristãos”. Ela é inteiramente redigida por estudantes; o número de 2015

³⁴ *Imame, imamo* ou *imã*, é um título muçulmano que designa o sacerdote encarregado de dirigir as preces na mesquita, assim como um guia espiritual. [N.T.]

³⁵ Sobre esse ponto, ver Jouanneau (2013).

³⁶ Aluno ou ex-aluno da Escola Nacional de Administração. [N.T.]

se intitulava “A fé passada pelo crivo do ateísmo”. Ela também investe em muitas atividades caritativas e organiza “aposentadorias” no quadro notadamente da rede “Cristãos na grande escola” criada em 1985 que, segundo seu *site*, em 2016 tinha não menos que 80 capelas, 110 escolas e 3.000 estudantes.

A ancoragem católica de Ciências Po é portanto antiga e poderosa. Graças a uma enquete conduzida por Anne Muxel e sua equipe em 2002, ou seja, numa época comparável à nossa, pode-se comparar as crenças religiosas de seus alunos a dos estudantes da Paris 8. (MUXEL, 2004)³⁷

Tabela 4 - A filiação religiosa dos estudantes de Ciências Po Paris em 2002 e da Paris 8 Vincennes-Saint-Denis em 2005.

	Paris 8 Vincennes-Saint-Denis	Ciências Políticas Paris
Sem religião, ateu, não respostas	49,9%	40%
Muçulmanos	19,8%	2%
Católicos	11,4%	43%
Cristãos	5,4%	/
Protestantes	3%	5%
Judeus	0,9%	4%
Outras religiões, crenças	9,5%	5%
Total	100%	100%

Fonte: Questionários aplicados pelo autor.

Assim, os alunos de Ciências Po se declaram claramente mais crentes que os da Paris 8. Em seguida, e o resultado é mais esperado, é o catolicismo que domina largamente na Ciências Po tendo em vista que a proporção de católicos é quase quatro vezes superior a da Paris 8, se aproximando sem dúvida daquela observável em alguns setores do ensino secundário privado católico, no qual Ciências Po aparece como uma emanção para o superior. Inversamente, o islã, religião majoritária na Paris 8,

³⁷ Mas, diferentemente da nossa, a enquete de Anne Muxel abrange todos os ciclos de estudos. E a questão colocada sobre a religião também é diferente: “Você poderia nos dizer qual é sua religião se você tem uma?”. Daí alguns vieses possíveis.

quase não existe na Ciências Po, enquanto aí outras religiões minoritárias como o protestantismo e o judaísmo são relativamente bem representadas³⁸.

No que concerne a Ciências Po, esses resultados se explicam pelo caráter de classe fortemente acentuado do recrutamento desse estabelecimento, assim como pela importância histórica da burguesia católica em seu centro, os quais não podem deixar de contribuir à produção de uma forma de “entre si”, frequentemente muito criticada. Assim, em 2002, 73,7% dos seus alunos são filhos de quadros superiores, de profissões liberais, contra 23,2% na Paris 8. Igualmente, 73% dos pais dos alunos dessa escola passaram pelo ensino superior, contra 26,8% dos da Paris 8. (MUXEL, 2004, p. 211 e 241)³⁹ Portanto, aqui também os estrangeiros, mas que vêm essencialmente de países ricos e majoritariamente de confissão cristã (isto é, por ordem decrescente: Alemanha, Estados Unidos, Itália, Polônia, Grã-Bretanha, etc.), são claramente mais crentes (69%) que os franceses (57%)⁴⁰.

Não somente Ciências Po é mais crente que Paris 8, mas seus alunos se distinguem pela intensidade de sua prática religiosa. De fato, 31% dos católicos franceses dessa escola são praticantes regulares. Do mesmo modo, 11% dos estudantes de Ciências Po fazem parte de uma associação ou de um movimento religioso. (MUXEL, 2004, p. 153)⁴¹ Isso também é excepcional e não acontece sem incidência política. Na verdade, Anne Muxel sublinha que a proporção de católicos, e mais ainda de católicos praticantes, é particularmente elevada entre os alunos de direita. Enquanto ela é três vezes menos entre os de esquerda. Igualmente, a taxa de sem religião passa de 17% na direita para 57% na esquerda. E a autora conclui escrevendo que “A prática religiosa permanece um dos melhores preditores do comportamento eleitoral.” (MUXEL, 2004, p. 154)

³⁸ No que concerne ao grupo protestante, a ausência da categoria “cristãos » na Ciências Po torna a comparação mais delicada. Sabe-se que muitos dentre eles são evangélicos, grupo sem dúvida pouco representado nessa escola em benefício sobretudo dos luteranos e reformados, dentre os quais deve-se encontrar filhos do que se chamava outrora de « alta sociedade protestante” (HSP).

³⁹ No que concerne à Paris 8, os percentuais provêm da enquete de 2005.

⁴⁰ Quanto à Paris 8 na nossa enquete, contam-se 80% de estudantes franceses, 10% de estudantes provenientes dos países do Magreb e da África negra, 5,6% da Europa, 2,9% da Ásia e 2,1% da América ou de outros lugares. Enquanto em 2002, 75,4% dos alunos de Ciências Po eram franceses, 17% europeus e 8% não europeus, os estudantes provenientes do Magreb e da África negra reúnem menos de 0,6% dos totais. (MUXEL, 2004, p. 209)

⁴¹ Uma informante sublinha também a importância do escotismo entre muitos alunos católicos de Ciências Po, exercendo um papel decisivo na formação das vocações religiosas. Atualmente, muitos padres, monges passaram por essa organização da juventude.

Retorno sobre uma experiência pedagógica científica

Quando, em 2005, nos lançados no estudo das crenças religiosas dos estudantes da Paris 8, nosso objetivo era melhor compreender sua relação com a religião. Mais exatamente, e no quadro de um procedimento pedagógico visando sobretudo a partir do que eles são e portanto de sua experiência íntima com o mundo social, a fim de iniciá-los eficazmente na sociologia, queríamos compreender porque a religião tinha um caráter de tamanha evidência para muitos deles e a que ela podia lhes servir. Isso nos levou em seguida a nos lançarmos num curso de sociologia das religiões que apresentou a obra de Max Weber e desenvolveu sobretudo os conceitos de “conduta de vida” (*Lebensführung*), de “bens de salvação” (*Heilsgüter*), que nos pareciam particularmente adaptados para compreender a importância das questões de ortopraxia, assim como de soteriologia, entre muitos estudantes crentes. Mas também a ler o Alcorão, a Bíblia, etc. a fim de desenvolver nossa cultura religiosa e para, dentro do que se consegue fazer, tentar nos colocarmos em seus lugares.

A leitura desses textos “sagrados” foi aliás muito importante, pois, além de permitir alimentar o curso apresentando exemplos dos casos de profecias e de atos ilustrando os mecanismos weberianos da profecia, ela permitiu descobrir de maneira mais efetiva o caráter esotérico, contraditório, etc. desses textos. Além disso, nos questionou sobre as condições intelectuais de sua recepção pelos estudantes, assim como pelos seus pais, dentre os quais muitos aliás não estudaram, nem dominam o árabe clássico, etc. (WEBER, 2005, p. 58) E nos levou em seguida a refletir sobre as modalidades da fé popular e do que Pierre Bourdieu chama *fides implicita* que não costuma se cercar de justificativas teóricas, muitas religiões pedindo aliás a seus adeptos para que façam o “sacrifício do intelecto”.

Esse procedimento que se poderia qualificar de “compreensivo” permitiu adquirir uma certa familiaridade com o objeto religião, falar de maneira mais descontraída no curso apesar de se tratar de uma atualidade às vezes muito pesada e descobrir também que a cultura religiosa dos estudantes

frequentemente era muito limitada⁴². Daí o fato de que para nossa grande surpresa o curso de “sociologia das religiões” tenha às vezes sido desviado para um simples “curso de religião” para alguns estudantes preocupados em racionalizar/reorganizar, o que emprestando uma expressão weberiana poder-se-ia chamar seu pequeno “edifício espiritual pessoal”.

Desde a origem, essa vontade de compreender, se possível do interior, que nos levou a pesquisar sobre as práticas de prece dos estudantes, as quais, aqui também com surpresa, descobrimos que elas geralmente eram eficazes (de fato, a maioria dos estudantes estima que suas preces são respondidas, o que questiona portanto o caráter particularmente performativo dessa prática), assim como sobre as práticas/crenças ditas “mágicas” (crença no “mal olhado” por exemplo, que descobrimos que ela tinha muita repercussão no meio muçulmano, mas não somente, e notadamente entre os mais praticantes dentre eles, enquanto os protestantes desconfiam fortemente e os estudantes mais dotados escolarmente acreditam pouco), se conjugou com um procedimento mais “explicativo” fundado sobretudo na enquete por questionário permitindo objetivar os determinantes sociais das crenças religiosas.

E é sobretudo a descoberta das diferenças impressionantes na relação com a religião dos estudantes da Paris 8 em função de suas origens, das disciplinas cursadas, etc., assim como uma inspiração teórica bourdieusiana em temas de “campo” que nos levou em seguida a querer sair do nosso quadro monográfico inicial, no qual nos sentíamos mais ou menos encerrados numa forma de entre si tanto social, político, quanto intelectual, a fim de explorar o que ocorre no ensino secundário, assim como do lado das grandes escolas parisienses.

Pouco a pouco, descobrimos a que ponto nosso etnocentrismo de descrente, ampliado por ser professor numa universidade de esquerda herdeira de uma tradição político-intelectual, *a priori* muito crítica em relação à religião, frequentemente qualificada (às vezes com certa condescendência) de “ópio do povo”, etnocentrismo esse combinado com uma forma de recusa laica (bem francesa) do fato religioso, podia ter algo de cegante⁴³. Ele nos impedia sobretudo de perceber a dimensão do

⁴² Entretanto, as enquetes por entrevistas revelaram que a capacidade de falar longamente, e de maneira argumentada, de sua religião está estreitamente ligada ao volume de capital escolar detido pelos estudantes. Vê-se portanto todo o interesse que há em articular sociologia da religião e sociologia da educação.

⁴³ No que concerne à recusa cientificista e laica da religião e as mutilações intelectuais que delas decorrem, ver a introdução dialogada de Pierre Bourdieu com Jacques Maître (1984, p. XI e seguintes).

formidável compromisso histórico-religioso próprio ao nosso país, que se objetiva por exemplo no seu sistema escolar, notadamente construído através de uma “guerra escolar” opondo “escola livre” e escola pública mais ou menos esquecida atualmente mas particularmente intensa sob a III República, assim como na ancoragem católica persistente de uma parte de suas elites. Compromisso que atualmente está sendo balançado pelo encolhimento acelerado do catolicismo, pelo aumento da descrença e pelo dinamismo das religiões populares, como o islã ou o protestantismo evangélico, particularmente presentes nas zonas mais dominadas do espaço social, escolar, assim como universitário.

Esta enquete permitiu portanto compreender que se se quer apreender a complexidade das dinâmicas religiosas em prática no meio estudantil é necessário combinar abordagem monográfica e comparativa, mas também abordagens qualitativas e quantitativas, sociologia da educação e sociologia das religiões, etc. Ela permitiu também ressituar esta complexidade no quadro da história de longa duração das religiões e do sistema educativo envolvido. Histórias frequentemente estudadas separadamente por causa da especialização científica e além disso esquecidas em razão sobretudo do que Pierre Bourdieu chamava de “amnésia da gênese”. (BOURDIEU, 2001, p. 7) Sem dúvida uma das principais virtudes das ciências sociais e históricas é permitir que nos reapropriemos de nossa história coletiva e assim proporcionar os meios para que sejamos uns pouco mais lúcidos e livres.

Referências

ALLOUCHE-BENAYOUN, Joëlle. L’enseignement privé juif. In: BÉRAUD, Céline; WILLAIME, Jean-Paul. *Les Jeunes, l’école et la religion*. Paris: Bayard, 2009.

ARMOGATHE, J.-R. *Raison d’Eglise, de la rue d’Ulm à Notre-Dame*, entretien avec Jean Lebrun, Calmann-lévy, 2001.

BATTAGLIA, Mattea; FLO’CH, Benoît. **À Saint-Denis, collégiens et lycéens ne sont pas tous Charlie**. *Le Monde*, 10 jan./2015.

BÉRAUD, Céline; WILLAIME, Jean-Paul. *Les Jeunes, l’école et la religion*. Paris: Bayard, 2009.

BOBINEAU, Olivier; TANK-STORPER, Sébastien. *Sociologie des religions*. Paris: Armand Colin, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Paris: Éditions de Minuit, 1984.

- BOURDIEU, Pierre. **Le mystère du ministère, des volontés particulières à la volonté générale.** *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 140, déc./2001.
- BOURDIEU, Pierre; MAÎTRE, Jacques. L'avant-propos dialogué. In: **L'autobiographie d'un paranoïaque.** Paris: Anthropos, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; SAINT-MARTIN, Monique. **Agrégation et ségrégation**, le champ des grandes écoles et le champ du pouvoir. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 69, septembre/1987.
- BRAFMAN, Nathalie. **En visite à Paris VIII**, de jeunes Israéliens pris à partie par des étudiants. *Le Monde*, 22/03/2014.
- CHOLVY, Gérard. **Histoire des organisations et mouvements chrétiens en France (XIX^e-XX^e siècle).** Paris: Cerf, 1999.
- CLEUZIQU, Yann Raison du. **Qui sont les cathos aujourd'hui?** Paris: Desclée de Brouwer, 2014.
- COHN-BENDIT, Daniel. **Le Grand bazar: entretiens avec Michel Lévy, Jean-Marc Salmon, Maren Sell.** Éditions Denoël-Gonthier, 1975.
- COULMONT, Baptiste. **Le Dieu sensible: sur la foi et quelques-uns de ses engagements.** Paris 8, maîtrise de sociologie, 1997.
- COULON, Alain; PAIVANDI, Saeed. **Les Étudiants étrangers en France, l'état des savoirs.** Rapport pour l'Observatoire de la Vie Etudiante (OVE). Université Paris VIII, mars/2003.
- DARGENT, Claude. **La population musulmane de France: de l'ombre à la lumière.** *Revue Française de Sociologie*, v. 51, 2010/2.
- DEJEAN, Frédéric. **Les Dimensions spatiales et sociales des Églises évangélistes et pentecôtistes en banlieue parisienne et sur l'Ile de Montréal.** Paris: Université Paris-Ouest-Nanterre-La-Défense, doctorat de géographie, 2010.
- EL AYADI, Mohammed; RACHIK, Hassan; TOZY, Mohamed. **L'Islam au quotidien: enquête sur les valeurs et les pratiques religieuses au Maroc.** Casablanca: Éditions la croisée des chemins, 2013.
- FARHAT, Benjamin. **Les dimensions ethnoreligieuses de l'expérience scolaire: la négociation de l'ordre laïque dans les établissements de l'enseignement secondaire.** Paris 8, doctorat de sciences de l'éducation 2016.
- FELOUZIS, Georges; LIOT, Françoise; PERROTON, Joëlle. **L'apartheid scolaire: enquête sur la ségrégation ethnique dans les collèges.** Paris: Seuil, 2005.
- FRANCE. **Ministère de l'Éducation Nationale.** *Repères et références statistiques*, 2004.
- FRANCE. **Ministère de l'Éducation nationale.** *Repères et références statistiques sur les enseignements*, 2014.
- FRANCE. Université Paris 8. **Données statistiques, année universitaire 2003-2004.** Service informatique de l'Université de Paris 8, mai/2004.

FROUILLOU, Leila. *ségrégations universitaires en Ile-de-France*. Paris: La Documentation française, 2017.

GLORIEUX, Régis; GRANDVAL, Hubert; REY-HERME, Philippe A. **L'étudiant et la religion**. *Revue Montalembert*, 1966.

HÉRAN, François. **École publique, école privée: qui peut choisir?** *Économie et statistique*, n. 293, mars/1996.

HERVIEU-LÉGER. Danièle. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993.

OUANNEAU, Solenne. *Les imams en France: une autorité religieuse sous contrôle*, Marseille: Ágone, 2013.

KHALDI, Gaëlle. *La transmission de l'Islam chez les étudiants d'origine maghrébine: le cas de l'université de Paris 8*. *Les Cahiers du Germe*, n. 27, 2008. Disponível: <http://www.germe-inform.fr/wp-content/uploads/2013/12/dossier-etudiants-et-religion-CDG-27-2008.pdf>.

LAMBERT, Yves. **Sortie de la religion, dilution du religieux**. In: LAMBERT, Yves; MICHELAT, Guy (dir.). *Crépuscule des religions chez les jeunes?* Paris: L'Harmattan, 1992.

MARX, Karl. *Critique de la philosophie du droit de Hegel*. Paris: Aubier, 1971.

MASSIGNON, Bérengère. **L'enseignement privé catholique**. In: BERAUD, Céline; WILLAIME, Jean-Paul. *Les Jeunes, l'école et la religion*. Paris: Bayard, 2009.

MUXEL, Anne (dir.). *Les Étudiants de Sciences Po, leurs idées, leurs valeurs, leurs cultures politiques*. Paris: Presses de Sciences Po, 2004.

NOIRIEL, Gérard. *Le Creuset français, Histoire de l'immigration XIX^e-XX^e siècle*. Paris: Seuil, 1988.

PAGIS, Julie. **La politisation d'engagements religieux**, retour sur une matrice de l'engagement en mai 68. *Revue Française de Science Politique*, v. 60, 2010/1.

PELLETIER, Denis; SCHLEGEL, Jean-Louis. *À la gauche du Christ, les chrétiens de gauche en France de 1945 à nos jours*. Paris: Le Seuil, 2012.

PEROSA, Graziela S.; SOULIÉ, Charles. **Estudar sua família para explorar o mundo social: a respeito de uma experiência pedagógica franco-brasileira**. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 21, n. 45, jan./abr., 2020.

SOULIÉ, Charles. **Uma tentativa de democratização universitária na França: história da universidade de Paris VIII Vincennes (1968-1980)**. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 15, n° 29, jul./dez., 2014, p. 42-70.

STRUDEL, Sylvie. **Ostentation religieuse et pratiques politiques: le cas du judaïsme sarcellois**. In: BRECHON, Pierre; DURIEZ, Bruno; ION, Jacques (dir.). *Religion et action dans l'espace public*. Paris: L'Harmattan, 2000.

WEBER, Max. *La science, profession et vocation*. Marseille: Ágone, 2005.

ZWILLING, Anne-Laure (dir.). *Les minorités religieuses en France. Panorama de la diversité contemporaine*. Paris: Bayard, 2019.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 05/03/2022

Aprovado em: 03/04/2022